

4. Diagnóstico do meio biótico

O Cerrado é o segundo maior bioma do Brasil. Ocupa, aproximadamente, 23% da superfície do país e abrange os estados de Goiás, Tocantins, Distrito Federal, Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, Rondônia e São Paulo. Áreas disjuntas ocorrem nos estados do Amapá, Amazonas, Pará, Roraima e Paraná. É considerado por Myers *et al.* (2000) como um dos 25 *hotspots* do mundo - com uma alta riqueza biológica e grande nível de ameaça. 58,4% do Cerrado não possuem estudos biológicos e, portanto, sua probabilidade de perder espécies é potencialmente alta (Brasil, 1999).

O Cerrado tem sofrido profundas alterações em decorrência das atividades humanas, como a mecanização da agricultura e da pecuária, a abertura de estradas, construção de grandes empreendimentos hidrelétricos e a implantação de novos núcleos urbanos. Uma análise de imagens de satélite de 1987 a 1993, cobrindo toda a região do Cerrado, mostrou que 67% da superfície de terra (excluindo habitat não-cerrado) estavam em condições alteradas ou altamente alteradas como resultado das atividades humanas (Mantovani e Pereira 1998). A conservação dos recursos biológicos ainda é insatisfatória neste bioma e a carência de Unidades de Conservação se reflete na pequena porcentagem e no tamanho de suas áreas. Apenas 1,2% da extensão total da região está protegida como Unidades de Conservação Federais (Myers *et al.*, 2000).

Especialmente pelo fato de a LT São Salvador estar sendo proposta para uma área, cujo estado de conservação é bastante alterado, não se espera registros de grande relevância. A implantação da rodovia Belém-Brasília, a instalação de outros aproveitamentos hidrelétricos na região (UHE Serra da Mesa, UHE Cana Brava) e a ocupação pretérita por garimpeiros provocaram altos graus de antropização, especialmente dos habitats preferenciais de algumas espécies da fauna do cerrado.

Neste tópico, são apresentados os temas referentes ao meio biótico, quais sejam: flora e fauna.

4.1 Flora

4.1.1 Considerações iniciais

Os levantamentos florísticos da área de implantação da LT São Salvador, que compreende a área interceptada e a faixa de servidão (40 m), foram subcontratados, pela Tractebel, à empresa Ecsa Engenharia Socioambiental S/C Ltda. A Engevix recebeu os dados e passa a transcrevê-los resumidamente a seguir. A cópia integral do documento está anexada ao presente Estudo Ambiental para maiores detalhes.

O documento conceitua estágio sucessional como associação florística distinta, tendo em vista que as espécies dominantes são sucessivamente substituídas, sendo característica somente em um determinado nível de desenvolvimento.

Foram encontrados os seguintes estágios de desenvolvimento:

- campo cerrado/pastagem;
- campo sujo/capoeira;
- cerrado;
- cerradão;
- floresta semidecidual aluvial/floresta de galeria; e,
- veredas.

A Tabela 4.1 apresenta a distribuição das fitofisionomias verificadas ao longo do traçado da linha de transmissão em questão.

Tabela 4.1
Quantitativos das tipologias encontradas na
Linha de Transmissão

Fitofisionomia da Linha de Transmissão	%
Campo Cerrado / Pastagem	46,68
Campo Sujo / Capoeira	2,62
Cerrado	29,80
Cerradão	3,33
Floresta Semidecidual Aluvial / Mata de Galeria	5,87
Vereda	4,06
Canteiro de obras	0,76
Estradas	0,50
Rios	0,99
Lavoura	5,39
Total	100,00

De acordo com os levantamentos, 54,32% de toda a faixa de servidão é composta predominantemente por áreas com pouquíssima vegetação arbustiva, ou seja, campo cerrado ou pastagem, áreas preparadas para implantação de cultura agrícola (lavoura), canteiro de obras, estradas e rios. Essa predominância pode ser justificada em função da utilização econômica agropastoril dessas.

Cerca de 30% das áreas de cerrado da faixa de domínio apresentam fisionomia que não diferem das características normais apresentadas por esta tipologia. A maior parte da vegetação observada no local, pela própria característica do cerrado e o atual estado de antropização do traçado escolhido, não atinge altura que justifique o corte de árvores na faixa de servidão.

As principais espécies encontradas na tipologia cerrado foram: murici (*Byrsonima basiloba*), sambaíba (*Curatella americana*), catinga de porco (*Hyptidendron asperimum*), jacaré (*Callisthene fasciculata*), cagaita (*Eugenia desynerica*) e carvoeiro (*Sclerolobium aureum*).

O cerradão, que corresponde a 3,33% de toda a faixa analisada, apresentou diversos indivíduos com alturas elevadas. Nesse estágio foi verificado que a floresta não foi totalmente explorada, ou seja, não foi efetuado o corte raso das espécies. A regeneração natural não descaracterizou por completo o ecossistema. Foram encontradas inúmeras espécies de diferentes tamanhos e outras que se sobressaíram, como a taboca (*Guadua angustifolia*), caracterizando que houve exploração pelo homem em alguns trechos da área em estudo.

As espécies encontradas no cerradão foram: imburuçu (*Pseudobombax tomentosum*), angico preto (*Anadenanthera macrocarpa*), aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), sucupira (*Pterodon emarginatus*), jatobá (*Hymenaea coubaril*), gonçalo Alves (*Astronium fraxinifolium*) e açoita cavalo (*Luehea grandiflora*).

As associações de campo sujo/capoeira cobrem 2,62 % da área de estudo, o que caracteriza a fase do desenvolvimento da sucessão secundária da vegetação. O ambiente encontra-se profundamente alterado em relação às condições iniciais. As espécies predominantes nesse estágio foram: taboca (*Guadua angustifolia*), mororó (*Bauhinia sp*), mutamba (*Guazuma ulmifolia*), carvoeiro (*Sclerolobium aureum*) e lixeira (*Curatella americana*).

As áreas de floresta semidecidual aluvial perfizeram 5,87% da faixa de servidão e praticamente não serão afetadas pelo empreendimento por estarem localizadas em locais baixos (margens de rios), onde os cabos de alta tensão passarão bastante alto, dispensando, portanto, a sua supressão. O mesmo ocorre com as Veredas (4,06 %), que também se encontram nas áreas ribeirinhas.

Na floresta semidecidual aluvial, destaca-se o ingá ferradura (*Inga sessilis*), o angico-preto (*Anadenanthera macrocarpa*), a gameleira (*Ficus calyptroceras*), o açoita cavalo (*Luehea grandiflora*), o pente de macaco (*Apeiba tibourbou*) e o cajá (*Spondias venulosa*). Na tipologia vereda, predominou a macaúba (*Acrocomia aculeata*), o cega machado (*Physocalymma scaberrimum*), o angico-preto (*Anadenanthera macrocarpa*), a mutamba (*Guazuma ulmifolia*), entre outras.

Considerando que 55,91% da área em estudo são desprovidos de vegetação e que nos 44,09% restantes predominam duas fisionomias (floresta semidecidual e veredas), as quais não serão afetadas pelo empreendimento, o inventário florestal foi desenvolvido nos restantes 34,16%.

Dessa forma, optou-se por proceder aos levantamentos de campo de forma a se obter o Inventário Florestal para as seguintes tipologias: cerrado (29,79 %) e cerradão (3,33 %), os quais correspondem a 33,12% da área em estudo. No entanto, esse percentual (33,12 %) corresponde na realidade a praticamente 95% da área com vegetação arbórea e arbustiva significativa diretamente afetada.

Foram interpretados e estimados:

- composição florística – pela listagem de espécies identificadas;
- a similaridade entre parcelas por meio do dendrograma obtido a partir de uma análise de Cluster;
- a diversidade de espécies – por meio do coeficiente de mistura de Jentsch – QM; do índice de equabilidade de Pielou – J; pelo índice de diversidade de Shannon-Weaver - H’;
- a agregação de espécies por meio dos índices de MacGuinness - IGA; de Fracker & Brischle – K e de Payandeh - P;
- análises da estrutura horizontal a partir das densidades absoluta e relativa, dominâncias absoluta e relativa, frequência absoluta e relativa. A partir desses estimaram-se o índice de valor de importância – IVI e o valor de cobertura – VC;
- análise da estrutura vertical a partir da posição sociológica e da regeneração natural;
- qualidade do fuste;
- análise da estrutura paramétrica – distribuição diamétrica, estimativa do volume,.

4.1.2 Caracterização da flora afetada

4.1.2.1 Cerrado

É a fitofisionomia de maior ocorrência no local. No geral é uma vegetação com indivíduos arbóreos de troncos bastante tortuosos, apresentando casca espessa e grandes adaptações contra o fogo e seca. Ocorrem estratos arbustivos e herbáceos bem desenvolvidos. As espécies predominantes no estrato herbáceo são capim flecha (*Digitaria insularis*), capim-agreste (*Imperata brasiliensis*) etc. No arbustivo pau santo (*Kielmeyera coriacea*), quina-do-cerrado (*Strychnos pseudoquina*), lobeira (*Solanum lycocarpum*) etc. No arbóreo, pau terra (*Qualea grandiflora*), cambará (*Vochysia elliptica*), lixeira (*Curatella americana*), cagaita (*Eugenia dysenterica*), entre outras

Foram amostrados 870 indivíduos arbóreos, distribuídos em 78 espécies, em 32 famílias e subfamílias, perfazendo uma média de 2,06 espécies por família. Dessas 78 espécies, doze foram indeterminadas. A listagem completa da distribuição encontra-se no documento em apêndice ao presente estudo – Inventário Florestal (Ecsa, 2003).

As famílias que apresentaram maior número de indivíduos foram: Leguminosae - 17,36%, Anacardiaceae - 10,57%, Vochysiaceae - 10,11%, Myrtaceae - 8,05%, Dilleniaceae - 6,44%, Apocynaceae - 6,21%, Rubiaceae - 4,60% e Bignoniaceae 4,60%.

A Figura 4.1 apresenta o dendrograma de similaridade entre as parcelas no cerrado.

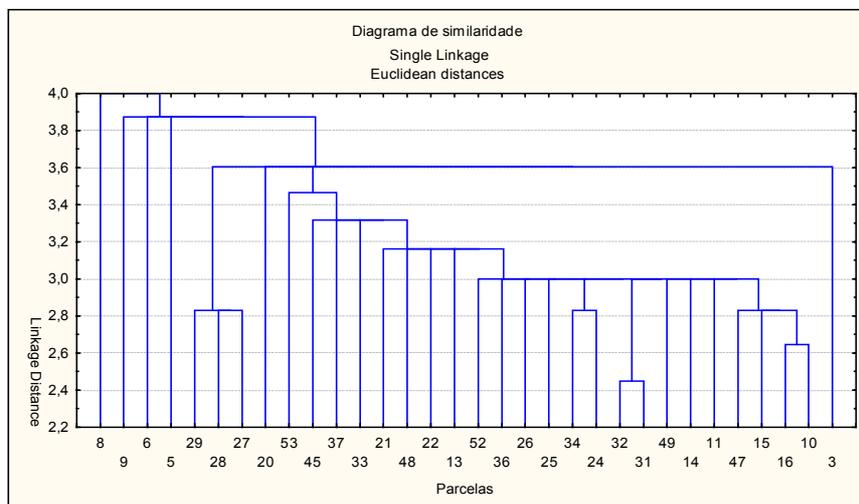


Figura 4.1
Dendrograma da análise de agrupamento (método de Cluster)
na faixa de servidão da LT São Salvador, para a tipologia cerrado

As informações referentes a similaridade entre parcelas, diversidade e agregação de espécies são apresentados para a fisionomia cerrado no Apêndice – Inventário Florestal (Ecsa, 2003).

A estimativa média do número de árvores, área basal e volume total, observados, por parcela consta na Tabela 4.2.

As estimativas do inventário apresentado demonstram que a amostragem para a tipologia cerrado está dentro do exigido, sendo o erro de amostragem de 18,70%. As fórmulas para o cálculo dos respectivos valores da tabela encontram-se abaixo (Tabela 4.3).

Tabela 4.2.
Distribuição do número de árvores, área basal e volume total por parcela amostrada na faixa de servidão da LT São Salvador, para a tipologia cerrado

Parcela	Número de árvores		Área basal (m ²)		Volume (m ³)	
	Amostrada	por hectare	Amostrada	por hectare	Amostrada	por hectare
3	48	18,8	0,5400	0,2110	2,7541	1,0758
5	28	10,9	0,4383	0,1712	2,6191	1,0231
6	22	8,6	0,3895	0,1521	2,2013	0,8599
8	52	20,3	0,4664	0,1822	2,0859	0,8148
9	24	9,4	0,3152	0,1231	1,9259	0,7523
10	24	9,4	0,1543	0,0603	0,5093	0,1989
11	22	8,6	0,1684	0,0658	0,5962	0,2329
13	18	7,0	0,2425	0,0947	1,2014	0,4693
14	21	8,2	0,2974	0,1162	1,7873	0,6982
15	28	10,9	0,3054	0,1193	1,5763	0,6158
16	16	6,3	0,1422	0,0556	0,5380	0,2101
20	24	9,4	0,2249	0,0878	0,8202	0,3204
21	19	7,4	0,2150	0,0840	0,8054	0,3146
22	17	6,6	0,0917	0,0358	0,2972	0,1161
24	23	9,0	0,4157	0,1624	2,5570	0,9988
25	24	9,4	0,3633	0,1419	2,3673	0,9247
26	29	11,3	0,5583	0,2181	3,5400	1,3828
27	24	9,4	0,2120	0,0828	1,2675	0,4951
28	31	12,1	0,3127	0,1221	1,9303	0,7540
29	32	12,5	0,2804	0,1095	1,5756	0,6155
31	48	18,8	0,3391	0,1324	1,4810	0,5785
32	29	11,3	0,3504	0,1369	1,3891	0,5426
33	21	8,2	0,2670	0,1043	1,4999	0,5859
34	21	8,2	0,5104	0,1994	3,1926	1,2471
36	24	9,4	0,1526	0,0596	0,6728	0,2628
37	33	12,9	0,4713	0,1841	2,5635	1,0014
45	35	13,7	0,4851	0,1895	2,4031	0,9387
47	23	9,0	0,2190	0,0855	0,7415	0,2897
48	16	6,3	0,1284	0,0502	0,3243	0,1267
49	27	10,5	0,3702	0,1446	1,4535	0,5678
52	29	11,3	0,3310	0,1293	1,2475	0,4873
53	38	14,8	0,4010	0,1567	1,7039	0,6656
Total	870	339,8	10,1591	3,9684	51,6279	20,1672

Tabela 4.3.
Resumo das estatísticas do inventário - Cerrado

Estatística do Inventário para a Amostragem	
Volume médio por parcela (m ³)	1,61
Variância (m ⁶)	0,73
Desvio padrão (m ³)	0,85
Valor de "t"(95% de probabilidade)	2,034
Erro padrão da média (m ³)	0,15
Coeficiente de variação	52,89%
Erro de amostragem permissível	20%
Erro calculado de amostragem	18,70%

Notas:

Intervalo de confiança para parcela (m ³)	Superior	1,91
	Inferior	1,31
Intervalo de confiança por hectare (m ³)	Superior	23,94
	Inferior	16,39

As estimativas médias do número de árvores, por hectare, por espécies e por classe de uso constam no Quadro 08 do Apêndice – Inventário Florestal. A maioria dos indivíduos foram classificados para lenha - 210,5 indivíduos/hectare (61,95%), para estaca - 80,5 indivíduos/hectare (23,78%), para serraria - 47,3 indivíduos/hectare (13,91%) e não foram classificados 1,6 indivíduos/hectare (0,46%). Essa classificação é apenas um indicativo não especificando outros possíveis uso

4.1.2.2 Cerradão

É formação tipicamente florestal, predominando vegetação de porte arbóreo, com estratos arbustivos e herbáceo pouco densos. Possui altura e distribuição irregular dos indivíduos e ocorrem espécies comuns às do Cerrado. É rara a ocorrência de cipós e epífitas. Ocorre sobre solos mais profundos e bem estruturados (podzólicos e latossólicos). Assemelha-se com à floresta estacional decidual (mata seca) por perder a maior parte de suas folhas durante a estiagem. Essa característica faz com que o cerradão seja uma fitofisionomia com grande resistência à seca e outras intempéries.

O cerradão da área de estudo foi bastante antropizado, tanto por desmatamento para fins agropecuários, quanto para retirada de madeira para construção civil, como o ipê-roxo (*Tabebuia impetiginosa*) e a aroeira (*Myracrodruon urundeuva*).

As espécies que predominam são o araticum (*Anona coriacea*), o carvoeiro (*Esclerolobium paniculatum*), o imbiruçu (*Pseudobombax tomentosum*), o pequi (*Cariocar brasiliensis*) e o açoita-cavalo (*Luehea grandiflora*). No estrato arbustivo, predominam marmelada-de-cachorro (*Alibertia sessilis*), pau-santo (*Kyelmeyera coriacea*), miroró (*Bauhinia sp*), entre outras. Uma vista interna é apresentada na Figura 4.2.



Figura 4.2.
Aspecto interno do cerrado na área de estudo da LT São Salvador

Foram amostrados 182 indivíduos arbóreos, distribuídos em 33 espécies, em dezoito famílias e subfamílias, perfazendo uma média de 1,83 espécies por família. Das 33 espécies, apenas uma foi indeterminada. A relação completa da distribuição encontra-se no Quadro 16 do Apêndice – Inventário Florestal.

As famílias que apresentaram um maior número de indivíduos foram: Leguminosae (19,23%), Myrtaceae (13,19%), Rubiaceae (12,64%), Sapindaceae (8,24%) e Anacardiaceae (7,69%), as demais espécies totalizaram (39,01%).

A Figura 4.3 apresenta o dendrograma de similaridade entre as parcelas no cerrado. Observa-se que a parcela 51 é mais dissimilar entre as outras, já as parcelas 39, 40 e 49 são as mais similares entre elas.

As informações referentes à similaridade entre parcelas, diversidade e agregação de espécies são apresentadas para a fisionomia cerrado no Apêndice – Inventário Florestal (Ecsa, 2003).

As estimativas médias do número de árvores, por hectare, por espécies e por classe de uso constam no Quadro 23 do Apêndice – Inventário Florestal. A maioria dos indivíduos foram classificados para lenha - 212,5 indivíduos/hectare (65,38%); para estaca - 48,2 indivíduos/hectare (14,84%); para serraria - 60,7 indivíduos/hectare (18,68%) e não foram classificados 3,6 indivíduos/hectare (1,10%). Esta classificação é apenas um indicativo não especificando outros possíveis usos.

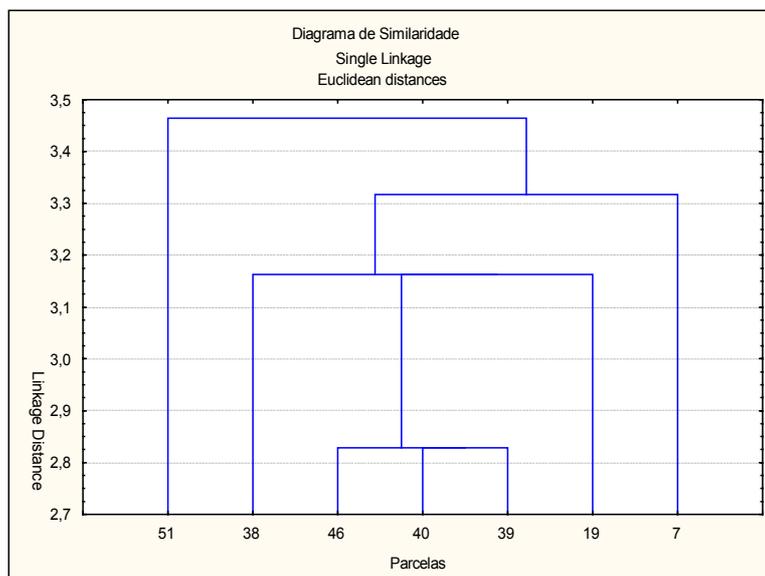


Figura 4.3
Dendrograma da análise de agrupamento (método de Cluster)
na faixa de servidão da LT São Salvador, para a tipologia cerradão

A estimativa média do número de árvores, área basal e volume total observados, por parcela consta na Tabela 4.4.

Tabela 4.4.
Distribuição do número de árvores, área basal e volume total por parcela amostrada na faixa de servidão da LT São Salvador, para a tipologia cerradão

Parcela	Número de árvores		Área basal (m ²)		Volume (m ³)	
	Amostrada	por hectare	Amostrada	por hectare	Amostrada	por hectare
7	34	60,7	0,7811	1,395	6,111	10,912
19	33	58,9	1,0115	1,806	7,329	13,088
38	23	41,1	0,8926	1,594	7,566	13,511
39	20	35,7	0,5352	0,956	4,168	7,443
40	20	35,7	0,5722	1,022	4,927	8,799
46	28	50,0	0,7188	1,284	5,417	9,674
51	24	42,9	0,4417	0,789	5,348	9,550
Total	182	325	4,953	8,845	40,867	72,977

Fonte: Ecsa (2003).

As estimativas do inventário demonstram que a amostragem para a tipologia cerradão está dentro do exigido, sendo o erro de amostragem de 18,70% (Tabela 4.5).

Tabela 4.5.
Resumo das estatísticas do inventário - Cerradão

Volume médio por parcela (m ³)	5,84
Variância (m ⁶)	1,55
Desvio padrão (m ³)	1,25
Valor de "t"(95% de probabilidade)	2,037
Erro padrão da média (m ³)	0,45
Coefficiente de variação	21,35%
Erro de amostragem permissível	20%
Erro calculado de amostragem	18,70%

Notas:

Intervalo de confiança para parcela (m ³)	Superior	6,95
	Inferior	4,73
Intervalo de confiança por hectare (m ³)	Superior	86,85
	Inferior	59,11

4.2 Fauna

4.2.1 Estudos anteriores

Existe uma grande carência de informações publicadas na literatura científica sobre a herpetofauna do Cerrado. Em relação aos anfíbios do Cerrado, os trabalhos disponíveis tratam de descrições de espécies (Bokerman, 1975; Bokermann, 1962; Bokermann, 1972; Caramaschi, 1996; Caramaschi & Cruz, 1998; Miranda-Ribeiro, 1937b; Miranda-Ribeiro, 1937a; Pombal & Bastos, 1996; Sazima & Bokermann, 1978). Estudos de ecologia de anfíbios também são raros, destacando-se dois trabalhos: um investiga o uso do espaço por girinos de um grupo de espécies (Barreto & Moreira, 1996) e outro um estudo comparativo da dieta de anfíbios em duas localidades do Brasil Central, Brasília e Serra da Mesa (Moreira & Barreto, 1996). No Cerrado, assim como na maior parte do Brasil, faltam estudos básicos como levantamentos de espécies (Haddad & Sazima, 1992)

Assim como os anfíbios, os répteis também são pouco estudados no Cerrado. A maior parte dos trabalhos enfocam a ecologia de algumas espécies (Colli, 1991; Colli *et al.*, 1992; Vitt, 1991) ou abordam questões de distribuição geográfica e sistemática (Rodrigues, 1987; Vanzolini, 1963; Vanzolini, 1982) Desta forma, ainda são descobertas novas espécies de lagartos no Cerrado (Rodrigues, 1996b), mesmo entre os animais de grande porte como os teiús (Colli, Péres & da Cunha, 1998; Manzani & Abe, 1997).

O conhecimento sobre a herpetofauna do Cerrado está restrito principalmente às proximidades dos grandes centros urbanos (Goiânia, Brasília, Cuiabá) ou a áreas de

construção de hidrelétricas, como em Serra da Mesa, Cana Brava, Palmas e no Manso (Strussman, 2000). Embora diversos levantamentos tenham sido realizados nos Parques Nacionais localizados no Bioma (Chapada dos Veadeiros, Chapada dos Guimarães e Emas, dentre outros), a maior parte destes dados não se encontram publicados, estando ainda na forma de relatórios pouco disponíveis para consultas.

Apesar da importância de répteis e anfíbios na estrutura das comunidades e no fluxo de energia através da cadeia trófica, existem poucas informações sobre a abundância, a riqueza e a densidade da herpetofauna no Cerrado (Barreto & Moreira, 1996; Eterovick & Sazima, 2000; Moreira & Barreto, 1996).

Por outro lado, anfíbios e répteis são organismos que respondem rapidamente a modificações no ambiente, como poluição da água, desmatamentos, variações climáticas, assoreamentos, entrada de espécies invasoras e queimadas (Alford & Richards, 1999; Blaunstein, 1994; Pechmann & Wilbur, 1994; Phillips, 1990), sendo desta forma, devido a suas características ecológicas e fisiológicas, ótimos bioindicadores da qualidade ambiental (Vitt *et al.*, 1990).

O bioma Cerrado abriga elevada diversidade de aves (837 espécies), decorrente de sua localização geográfica, da variedade de formas fisionômicas e do intercâmbio biótico com biomas adjacentes (Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga) (Sick, 1965). Possui 32 espécies de aves endêmicas (Silva, 1995b, Cavalcanti, 2000), proporção relativamente baixa não compartilhada com outros grupos (p.ex.: alta taxa de endemismo para invertebrados e espécies arbóreas; MMA, 1999).

A maior parte da região não foi satisfatoriamente inventariada para as aves, apesar de ser um dos grupos de melhor conhecimento científico. Ainda são raras as informações sobre a história natural da maioria das espécies, em especial, aquelas associadas a habitats restritos e vulneráveis no bioma, como as matas secas e os campos rupestres (Silva, 1995a). O entendimento das relações entre as espécies e seus habitats pode dimensionar as consequências de impactos antrópicos, além de auxiliar no manejo de suas fisionomias e populações (Bibby *et al.*, 1992). O conhecimento de dados biológicos básicos sobre riqueza, endemismo e distribuição espacial das espécies e comunidades são essenciais para a elaboração de estratégias de conservação para uma avifauna regional e, ainda, para uma avaliação criteriosa da definição de áreas e do manejo de Unidades de Conservação (MMA, 1999; Cavalcanti, 2000).

Existem 195 espécies de mamíferos no cerrado, das quais 18 são endêmicas (BDT, 2003). Embora a fauna de mamíferos possa ser considerada muito rica e diversificada, não apresenta especializações tão marcantes a ambientes mais secos e, portanto, apresenta taxas de endemismo que, em geral, podem ser consideradas baixas (Marinho-Filho *et al.*, 1994).

Há pouca informação sobre a composição, estrutura e dinâmica das comunidades de mamíferos no cerrado, assim como há carência de dados básicos sobre a ecologia e histórias de vida de suas espécies. Existem ainda espécies não conhecidas pela ciência e os taxonomistas constantemente revisam e tentam acessar o status científico de muitos dos mamíferos do Cerrado. Nos últimos quinze anos, unicamente para o

Distrito Federal, foram descritas três novas espécies de roedores (Herchkovits, 1990a, 1990b, 1993).

Em termos de conservação de mamíferos no cerrado, as espécies especialistas de habitat com distribuição restrita são altamente vulneráveis, assim como aquelas espécies que precisam de grandes áreas de vida. Um exemplo de uma espécie especialista de habitat é o cervo do pantanal (*Blastocerus dichotomus*), que depende de áreas abertas e alagadas para suprir as suas necessidades biológicas (Fragoso *et al.*, 2001). Como exemplos de espécies que precisam de grandes áreas de vida, podem-se citar os porcos queixada (*Tayassu pecari*) (Fragoso *et al.* 2001), as antas (*Tapirus terrestris*) e carnívoros de topo, como a onça pintada (*Panthera onca*) e a onça parda (*Puma concolor*) (Emmons, 1990). Entre as principais ameaças à conservação desses e outros mamíferos podem-se citar a expansão da fronteira agrícola (Prada, 2002), as atividades de mineração e o crescimento das cidades (Henriques, 1988; Junk & Melo, 1987; Gribel *et al.*, 1987). Dessa maneira, a criação de grandes unidades de conservação que englobem o maior número de habitats possíveis, se torna indispensável.

O estudo das comunidades permite avaliar o estado de conservação dos ambientes, os efeitos da alteração de paisagens naturais, bem como, a disponibilidade de recursos sob uma abordagem faunística.

4.2.2 Espécies da herpetofauna registradas na área de estudo

Existem características da herpetofauna da área de implantação da LT São Salvador, que são muito importantes e merecem destaque. A primeira é a provável semelhança da composição faunística da área do empreendimento com a das áreas de outras hidrelétricas do rio Tocantins e da própria UHE São Salvador, proposta para a área de estudo do empreendimento.

Outro ponto é a ocorrência de espécies novas, ainda não descritas, como é o caso de três *Hyla* sp. (pererecas) registradas durante os levantamentos de campo na faixa de servidão da LT São Salvador durante o mês de novembro de 2003.

O Quadro 4.1. apresenta a lista de espécies observadas na área de estudo da LT São Salvador.

Quadro 4.1.
Espécies de anfíbios encontradas na área de estudo da LT São Salvador

Taxa	Nome popular	História natural		
		Dieta ¹	Habitat ²	Hábito ³
Anura				
Bufonidae				
<i>Bufo granulosis</i>	Sapo	I	T, SA	N
<i>Bufo schneideri</i>	Sapo-cururu	I	T, SA	N
Hylidae				N
<i>Hyla minuta</i>	Perereca	I	A, SA	N
<i>Hyla raniceps</i>	Perereca	I	A, SA	N
<i>Hyla rubicundula</i>	Perereca	I	A, SA	N
<i>Hyla sp. 1</i>	Perereca	I	A, SA	N
<i>Hyla sp. 2</i>	Perereca	I	A, SA	N
<i>Hyla sp. n (gr. multifasciata)</i>	Perereca	I	A, SA	N
<i>Phrynohyas venulosa</i>	Perereca	I	A, SA	N
<i>Scinax fuscovarius</i>	Rapa-cuia	I	A, SA	N
<i>Scinax sp.</i>	Rapa-cuia	I	A, SA	N
Leptodactylidae				
<i>Leptodactylus fuscus</i>	Rã	I	T, SA	N
<i>Leptodactylus ocellatus</i>	Rã-manteiga	I	T, SA	N
<i>Physalaemus cuvieri</i>	Sapo-cachorro	I	T, SA	N
<i>Physalaemus centralis</i>	Rã	I	T, SA	N
<i>Proceratophrys sp.</i>	Rã	I	SF	N
<i>Pseudopaludicola ternetzi</i>	Rãzinha	I	T, SA	D, N
Gymnophiona				
Caecilidae				
<i>Siphonops cf. paulensis</i>	Cobra-cega	I	F	N

Notas: ¹ Vale ressaltar que não existem muitos estudos a respeito da dieta de anfíbios, mas até onde foi documentado, grande parte das espécies são exclusivamente insetívoros ²A = aquático; SA= semi-aquático; ³. N = noturno; D = diurno.

4.2.3 Avifauna registrada na área de estudo

De acordo com o termo de referência elaborado pelo Ibama, esse grupo deve ser analisado de uma forma mais global, que ressalte as espécies que ocorram no contexto mais amplo que o daquele da interceptação da LT. Portanto, o Quadro 4.2 mostra as espécies de aves observadas na área de estudo, que compreende o trecho que drena para o rio Tocantins entre as usinas de Serra da Mesa e Lajeado. Esses registros mostram da LT São Salvador.

Algumas aves que servem à caracterização dos cerrados e campos cerrados locais são: perdiz (*Rhynchotus rufescens*); urubu-rei (*Sarcoramphus papa*); *Penelope superciliaris* (jacupemba); seriema (*Cariama cristata*); rolinha-caldo-de-feijão (*Columbina talpacoti*); periquito-rei (*Aratinga aurea*); papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*); coruja-buraqueira (*Speotyto cunicularia*); bacurau-do-cerrado (*Chordeiles*

pusillus); beija-flor-tesoura (*Eupetomena macroura*); beija-flor-dourado (*Chlorostilbon aureoventris*); surucuá (*Trogon curucui*); João-bobo (*Nystalus maculatus*); pica-pau-do-campo (*Colaptes campestris*); arapaçu-do-cerrado (*Lepidocolaptes angustirostris*); papa-formigas (*Formicivora melanogaster*); caneleiro (*Pachyramphus marginatus*); suiriri-de-garganta-branca (*Tyrannus albogularis*); maria-cavaleira (*Myiarchus tyrannulus*); guaracava (*Elaenia flavogaster*); papa-moscas (*Phaeomyias murina*); andorinha-serradora (*Stelgidopteryx ruficollis*); sabiá-poca (*Turdus amaurochalinus*); cambaxirra (*Troglodytes aedon*); pula-pula (*Basileuterus culicivorus*); vi-vi (*Euphonia chlorotica*); saíra-de-chapéu-preto (*Nemosia pileata*); tiê-cinza (*Schystochlamys melanopis*); batuqueiro (*Saltator atricollis*); coleiro-baiano (*Sporophilla nigricollis*) e tico-tico-rei (*Coryphospingus pileatus*).

A maioria dessas, assim como a jandaia (*Aratinga aurea*), a choca-listrada (*Thamnophilus doliatus*), a gralha-do-cerrado (*Cyanocorax cristatellus*), o caneleiro (*Casiornis rufa*) e o pica-pau-anão (*Picumnus albosquamatus*), apresentam ampla área de distribuição ao longo das paisagens xerófilas do interior brasileiro.

As formações ciliares que se estabelecem nas margens dos rios e córregos da região acabam por formar ambientes bem diversificados em termos de fauna, uma vez que, além de contarem com grupos tipicamente florestais, são influenciadas pela presença de taxa característicos de rios, como mão-pelada (*Procyon cancrivorus*), garças (Ardeidae), marrecas (Anatidae) e martins-pescadores (Alcedinidae).

Uma vez que as matas ciliares da região mostram-se demasiadamente estreitas, é formada uma situação que propicia a penetração, e conseqüente registro, em seu interior, de espécies mais características de áreas abertas, como os anus (*Crotophaga ani* e *Guira guira*), o João-de-barro (*Furnarius rufus*) e o bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*). São exatamente estas características que distinguem a estrutura de avifauna encontrada nessas formações e nas Matas Semidecíduas da região. Além disso, algumas espécies, como a frugívora de copa asa-branca (*Columba picazuro*), o insetívoro de sub-bosque chorozinho (*Herpsilochmus pileatus*) e os anambés-brancos (*Tytira inquisitor*), podem ser consideradas características da mata ciliar.

A estruturação da comunidade segue os padrões apresentados entre as aves das florestas semidecíduas, com elevado "índice" de estratificação e especialização. Nesse biótopo, entretanto, há uma certa relação dos grupos com o ambiente fluvial. Nesse ponto podem ser destacadas as saracuras (*Aramides cajanea*), omnívoros tão comedores de sementes, que vasculham o solo dessas formações florísticas. Os martins-pescadores permanecem pousados às margens do rio na faixa entre 1 e 3 metros acima do nível da água, pescando em águas relativamente profundas, enquanto espécies de ardeídeos, como a garça-real (*Pilherodius pileatus*) e o socozinho (*Butorides striatus*), preferem caminhar vagarosamente ao longo das margens, onde capturam os peixes que aparecem próximos à superfície.

Ainda no chão da mata ciliar destacada, são encontradas, alimentando-se de frutos caídos, espécies como o jaó (*Crypturellus undulatus*) e a juriti (*Leptotilla verreauxi*), enquanto que, entre os frugívoros de sub-bosque, podem-se mencionar o soldadinho (*Antilophia galeata*) e as pipiras (*Ramphocelus carbo*), cuja coloração viva depende de uma alimentação rica em carotenos. Os anambés (*Tytira inquisitor*) são frugívoros mais

especializados em se alimentar na copa da mata. Esta espécie nidifica em ocós de árvores e serve, de certa forma, como indicadora de ambientes com ainda certo nível de estruturação. Fazem companhia a esse frugívoro as saíras (*Dacnis cayana*) e sanhaços (*Thraupis sayaca* e *T. palmarum*), os frugívoros de copa mais comuns localmente.

As cancãs (*Cyanocorax cyanopogon*), os tucanuços (*Ramphastos toco*) e as almas-de-gato (*Piaya cayana*) podem ser evocados como representantes dos omnívoros mais freqüentes nos estratos superiores das Matas de Galeria. As duas primeiras espécies, apesar de freqüentemente tidas como frugívoros, incluem insetos e outros produtos de origem animal em sua dieta (apud SCHUBART et al. 1965), o que permite classificá-las como omnívoras.

Os insetívoros são, talvez, o grupo alimentar que possui uma maior tendência à especialização, sendo que na copa da mata podem ser encontrados dois grupos distintos. O primeiro colhe os insetos partindo de um poleiro para onde retornará após a captura. Alguns dos praticantes dessa estratégia mais comuns localmente são o bem-te-vi-pequeno (*Myiozetetes cayanensis*) e o nei-nei (*Megarhynchus pitangua*). A segunda estratégia consiste na procura de insetos entre as folhas e emaranhados herbáceos, conforme fazem espécies como o chorozinho (*Herpsilochmus pileatus*), a choquinha-lisa (*Dysithamnus mentalis*) e os garrinchões (*Campylorhynchus turdinus*). No sub-bosque, as estratégias de caça a insetos são semelhantes, havendo, entretanto, uma diferenciação bem marcada nos hábitos de arapaçus (Dendrocolaptidae) e pica-paus (Picidae). Essas duas famílias procuram insetos, principalmente, no tronco das árvores, sendo que os primeiros utilizam seus longos bicos para vasculhar as cascas de velhas árvores, enquanto os últimos as perfuram de maneira ativa com suas poderosas maxilas. Ambas as famílias necessitam, ainda, de árvores velhas para a sua sobrevivência na mata, e sua presença é um interessante indicador da existência de trechos ainda bem estruturados.

Vale registrar a ocorrência de duas espécies de *Rhea americana* (ema) e *Amazona xanthops* (papagaio-galego), ambas incluídas na Lista de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (Instrução Normativa nº 003, de 27/05/2003, do Ministério do Meio Ambiente). Destaca-se a ocorrência de *Elanoides forficatus* (gavião-tesoura), *Ictinia plumbea* (sovi), *Dendrocygna viduata* (irerê) e *Amazonetta brasiliensis* (ananai), espécies migratórias com registro na área de estudo.

Quatro espécies endêmicas do Cerrado foram avistadas/registradas na área em estudo, a saber: *Cyanocorax cyanopogon* (cancã), *Basileuterus leucophrys* (pula-pula-de-sombrancelha), *Casiornis fusca* (caneleiro-enxofre), *Basileuterus leucophrys* (pula-pula-de-sombrancelha).

No Quadro a seguir é apresentada a lista de espécies com registro comprovado na região da LT São Salvador.

Quadro 4.2.
Listagem de aves registradas para a área compreendida entre a UHE Serra da Mesa e a UHE Lajeado,
em áreas marginais e de contribuição para o rio Tocantins

Taxa*	Espécie	Nome vulgar	Status	Distr.	Import.	Hábito	Dieta	Bio.	Sítios	Ambientes	Abund.	Registro	Bibl.
Ordem Tinamiformes													
Família Tinamidae													
	<i>Crypturellus undulatus</i>	Jaó			Cin.	F2	ON	*	1,2,3	Mc	comum	Z	1,2,3,4
	<i>Crypturellus parvirostris</i>	Inhambú-chororó			Cin.	C2	ON	*	2,3	Ce	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Rhynchotus rufescens</i>	Perdiz			Cin.	C1	ON	*	2,3	Ce,An	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Nothura maculosa</i>	Codorna			Cin.	C1	ON	*	**	Ce			1,2,4
Ordem Rheiformes													
Família Rheidae													
	<i>Rhea americana</i>	Ema	Próx.										
						C1	ON	*	2	Ce	ocas.	VG	1,2,3,4
Ordem Pelecaniformes													
Família Phalacrocoracidae													
	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	Biguá, mergulhão				A	PI		1,2,3	Ri	comum	VFG	1,2,4
Família Anhingidae													
	<i>Anhinga anhinga</i>	Biguatinga				A	PI	X	1,2,3	Ri	ocas.	VFG	1,2,4
Ordem Ciconiiformes													
Família Ardeidae													
	<i>Ardea cocoi</i>	Maguari				A	PI	X	1,2,3	Ri	comum	VFG	1,2,3,4
	<i>Casmerodius albus</i>	Garça-branca-grande				A	PI		3	An	ocas.	V	1,2,3,4
	<i>Egretta thula</i>	Garça-branca-pequena				A	PI		**	Ri			1,2,3,4
	<i>Bubulcus ibis</i>	Garça vaqueira			Sin.	C2	PI		1,2,3	An,	comum	V	1,2,3,4
	<i>Butorides striatus</i>	Socozinho				A	PI		2,3	Ve,An,	ocas.	V	1,2,3,4
	<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira				C2	CA		2	Ri	ocas.	V	1,2,3,4
	<i>Pilherodius pileatus</i>	Garça-real				A	PI		**	Ri			1,2,4
	<i>Tigrisoma lineatum</i>	Socó-boi-ferrugem				A	PI	X	**	Ri			1,2,3,4
Família													

Quadro 4.2.
Listagem de aves registradas para a área compreendida entre a UHE Serra da Mesa e a UHE Lajeado,
em áreas marginais e de contribuição para o rio Tocantins

Taxa*	Espécie	Nome vulgar	Status	Distr.	Import.	Hábito	Dieta	Bio.	Sítios	Ambientes	Abund.	Registro	Bibl.
Threskiornithidae													
	<i>Theristicus caudatus</i>	Curicaca				C2	CA		2,3	Ca,An	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Mesembrinibis cayennensis</i>	Corocoró				F2	PI		3	Mc,Ri	ocas.	VZ	1,3,4
	<i>Phimosus infuscatus</i>	Tapicuru				A	ON		**	Mc			1
Família Cathartidae													
	<i>Sarcoramphus papa</i>	Urubu-rei				F2	CA	*	2	Ce	raro	V	1,2,3,4
	<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-preto			Sin.	C2	CA	X	**	Mc			1,2,3,4
	<i>Cathartes aura</i>	Urubu-caçador			Sin.	C2	CA	X	1,2,3	Mc,Ms,Ve	comum	V	1,2,3,4
Ordem Anseriformes													
Família Anatidae													
	<i>Dendrocygna viduata</i>	Irerê		Migr.	Cin.	A	ON	*	**	Ri			1,2,4
	<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Ananai		Migr.	Cin.	A	ON	X	**	Ri			1,2,3
	<i>Cairina moschata</i>	Pato-do-mato			Cin.	A	ON	*	2	Ri	comum	VFG	1,2,3,4
Ordem Falconiformes													
Família Accipitridae													
	<i>Elanoides forficatus</i>	Gavião-tesoura		Migr.		F2	CA		2	Ri	ocas.	VF	1,3,4
	<i>Ictinia plumbea</i>	Sovi		Migr.		F2	CA		1,2,3	Mc,Ri	comum	VFG	1,2,3,4
	<i>Asturina nitida</i>	Gavião-pedrez				F2	CA		**	Mc,Ri			1,2,4
	<i>Rupornis magnirostris</i>	Pinhé, Gavião-carijó			Sin.	F2	CA		1,2,3	Mc,Ms,Ce,An,Ri	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Buteogallus meridionalis</i>	Casaca-de-couro				C2	CA		**	Ce			1,2,3,4
	<i>Buteogallus urubitinga</i>	Gavião-preto				F2	CA		1	Mc,Ri	ocas.	VFG	1,2,4
Família Falconidae													
	<i>Herpetotheres cachinnans</i>	Acauã				F2	CA		1,2,3	Mc,Ms,Ce,Ri	comum	VZR	1,2,3,4
	<i>Daptrius americanus</i>	Gralhão				F2	CA		3	Mc,Ms,An	comum	VZG	1,3,4
	<i>Milvago chimachima</i>	Gavião-carrapateiro			Sin.	C2	CA		1,2,3	Mc,Ce,An,Ri	comum	V	1,2,3,4

Quadro 4.2.
Listagem de aves registradas para a área compreendida entre a UHE Serra da Mesa e a UHE Lajeado,
em áreas marginais e de contribuição para o rio Tocantins

Taxa*	Espécie	Nome vulgar	Status	Distr.	Import.	Hábito	Dieta	Bio.	Sítios	Ambientes	Abund.	Registro	Bibl.
	<i>Caracara plancus</i>	Carcará			Sin.	C2	ON		1,2,3	Ce,An	comum	V	1,2,3,4
	<i>Falco sparverius</i>	Quiriquiri			Sin.	C1	CA		3	An	ocas.	V	1,2,3,4
Ordem Galliformes													
Família Cracidae													
	<i>Penelope superciliaris</i>	Jacu			Cin.	F2	ON	*	1	Mc	ocas.	V	1,2,3,4
Ordem Gruiformes													
Família Rallidae													
	<i>Aranmides cajanea</i>	Saracura-três-potes				F2	ON		**	Mc,Ve			
Família Heliornithidae													
	<i>Heliornis fulica</i>	Ipequi, picaparra				A	IN	*	3	Ri	rara	V	1,4
Família Cariamidae													
	<i>Cariama cristata</i>	Seriema				C1	CA		1,2,3	Ce,Ca,An	comum	VZ	1,2,3,4
Ordem Charadriiformes													
Família Jacanidae													
	<i>Jacana jacana</i>	Jaçanã				A	PI		3	Ri	ocas.	VZFG	1,2,3,4
Família Charadriidae													
	<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero			Sin.	A	CA		1,2,3	Ca,An,Ri	Abundante	VZF	1,2,3,4
Família Scolopacidae													
	<i>Gallinago paraguaiae</i>	Narceja				A	ON		**	Ve			
Ordem Columbiformes													
Família Columbidae													
	<i>Columba livia</i>	Pomba-doméstica		I		T	GI		1,2	An	comum	V	1,3
	<i>Columba picazuro</i>	Pomba-asa-branca				C2	GI		1,2,3	Ce,An	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Columba plumbea</i>	Pomba-amargosa				F2	GI		**	Mc			1,2,4
	<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-caldo-de-			Sin.	C2	GI		1,2,3	An	comum	VZ	1,2,3,4

Quadro 4.2.
Listagem de aves registradas para a área compreendida entre a UHE Serra da Mesa e a UHE Lajeado,
em áreas marginais e de contribuição para o rio Tocantins

Taxa*	Espécie	Nome vulgar	Status	Distr.	Import.	Hábito	Dieta	Bio.	Sítios	Ambientes	Abund.	Registro	Bibl.
		feijão											
	<i>Uropelia campestris</i>	Rola-vaqueira				C1	GI		**	Ce,Ca			2,3,4
	<i>Scardafella squammata</i>	Fogo-apagou				C2	GI		1,2,3	An	abundante	VZ	1,2,3,4
	<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti-pupú			Cin.	F2	GI	X	1,2,3	Mc,Ms	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Leptotila rufaxilla</i>	Juriti-gemeadeira			Cin.	F2	GI	X	**	Mc			1,2,4
Ordem Psittaciformes													
Família Psittacidae													
	<i>Ara ararauna</i>	Arara-canindé			Com.	C2	FI	X	2,3	Ve	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Orthopsittaca manilata</i>	Maracanã-do-buriti		Amaz.		C2	FI		2,3	Ve	comum	VZ	1,3,4
	<i>Diopsittaca nobilis</i>	Maracanã-nobre				F2	FI		1,2,3	Mc,Ms,Ce, Ve	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Aratinga leucophthalmus</i>	Maritaca			Com.	F2	FI	X	2	Ce	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Aratinga jandaya</i>	Jandaia				F2	FI		1,3	Ve	ocas.	VZFG	1,2,3,4
	<i>Aratinga aurea</i>	Periquito-rei			Com.	C2	FI	X	2,3	Mc,Ms,Ce, Ve	abundante	VZ	1,2,3,4
	<i>Brotogeris chiriri</i>	Periquito-da-asa-amarela				F2	FI		1,2,3	Mc,Ms,Ce, Ve	abundante	VZ	1,2,3,4
	<i>Amazona xanthops</i>	Papagaio-galego	Vuln.	Cer.		C2	FI	*	2	Ve	raro	VZF	2,4
	<i>Amazona aestiva</i>	Papagaio-verdadeiro			Com.	F2	FI	X	2	Ce, Ve	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Amazona amazonica</i>	Papagaio-grego			Com.	F2	FI	X	1,2,3	Mc, Ve	comum	VZG	1,2,3,4
Ordem Cuculiformes													
Família Cuculidae													
	<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato				F2	CA		**	Mc			1,2,3,4
	<i>Crotophaga ani</i>	Anú-preto			Sin.	C2	CA		1,2,3	An,Ri	comum	VZF	1,2,3,4
	<i>Guira guira</i>	Anu-branco			Sin.	C2	CA		2,3	Ca, Ve, An	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Tapera naevia</i>	Saci				F2	CA		1	Mc, Ri	ocas.	Z	1,2,4
Ordem Strigiformes													

Quadro 4.2.
Listagem de aves registradas para a área compreendida entre a UHE Serra da Mesa e a UHE Lajeado,
em áreas marginais e de contribuição para o rio Tocantins

Taxa*	Espécie	Nome vulgar	Status	Distr.	Import.	Hábito	Dieta	Bio.	Sítios	Ambientes	Abund.	Registro	Bibl.
Família Strigidae													
	<i>Otus choliba</i>	Corujinha-orelhuda				C2	CA		2	Mc	ocas.	Z	1,2,3,4
	<i>Pulsatrix perspicillata</i>	Murucututu				C2	CA		**	Mc			1,2,3,4
	<i>Glaucidium brasilianum</i>	Caburé				C2	CA		**	Mc,Ms			1,2,4
	<i>Speotyto cunicularia</i>	Coruja-buraqueira				C2	CA		3	An	ocas.	VZ	1,2,3,4
Ordem Caprimulgiformes													
Família Nyctibiidae													
	<i>Nyctibius griseus</i>	Mãe-da-lua				F2	IN		**	Ce			1,2,3,4
Família Caprimulgidae													
	<i>Nyctidromus albicollis</i>	Curiango				F2	IN		1,2,3	Ca,Ve,An	comum	Z	1,2,3,4
	<i>Caprimulgus maculicaudus</i>	Bacurau-do-rabo-maculado				C2	IN		2,3	Ce,Ca	comum	Z	4
	<i>Hydropsalis brasiliiana</i>	Bacuru-tesoura				C2	IN		**	Ce,Ca			1,2,4
Ordem Apodiformes													
Família Apodidae													
	<i>Chaetura andrei</i>	Andorinhão-de-garganta-branca				C2	IN		2	,Ve	ocas.	VZ	1,2,4
	<i>Reinarda squamata</i>	Taperá-do-buriti				C2	IN		**	,Ve			1,2,3,4
Família Trochilidae													
	<i>Phaetornis pretrei</i>	Limpa-casa-do-rabo-branco				F2	NI	*	3	Mc,Ce	ocas.	V	1,2,3,4
	<i>Eupetomena macroura</i>	Tesourão				F2	NI		3	Mc	ocas.	V	1,2,4
	<i>Amazilia fimbriata</i>	Beija-flor-de-garganta-verde				C2	NI		1,2,3	Mc,Ms,Ce	comum	VZG	1,2,3,4
Ordem Trogoniformes													
Família Trogonidae													
	<i>Trogon viridis</i>	Surucuá-de-barriga-amarela				F2	FI		**	Mc			3,4

Quadro 4.2.
Listagem de aves registradas para a área compreendida entre a UHE Serra da Mesa e a UHE Lajeado,
em áreas marginais e de contribuição para o rio Tocantins

Taxa*	Espécie	Nome vulgar	Status	Distr.	Import.	Hábito	Dieta	Bio.	Sítios	Ambientes	Abund.	Registro	Bibl.
Ordem Coraciformes													
Família Alcedinidae													
	<i>Ceryle torquata</i>	Matraca, Martim-pescador				A	PI	X	2,3	Ri	comum	VZFG	1,2,3,4
	<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde				A	PI	X	2	Ve,Ri	ocas.	V	1,2,3,4
Família Momotidae													
	<i>Momotus momota</i>	Udu				F2	ON		2,3	Mc,Ri	ocas.	VZF	1,2,3,4
Ordem Piciformes													
Família Galbulidae													
	<i>Galbula ruficauda</i>	Bico-de-agulha				F2	IN		1,2,3	Mc,Ri	comum	VZF	1,2,3,4
Família Bucconidae													
	<i>Nystalus chacuru</i>	João-bobo				C1	ON		2	Ce,Ve	ocas.	VZ	1,2,4
	<i>Monasa nigrifrons</i>	Bico-de-brasa				F2	ON		2,3	Mc,Ms	abundante	VZG	1,2,3,4
Família Ramphastidae													
	<i>Ramphastos toco</i>	Tucanuçu				C2	ON		2,3	Mc,Ce,Ve,Ri	comum	VZ	1,2,3,4
Família Picidae													
	<i>Picumnus albosquamatus</i>	Pica-pau-anão				F2	IN		3	Ms	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo				C2	IN		2,3	Ms	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Celeus flavescens</i>	João-velho				F2	IN		1,3	Mc	ocas.	Z	1,2,3,4
	<i>Dryocopus lineatus</i>	Pica-pau-de-sobre-branca				C2	IN		3	Mc	ocas.	VZ	1,2,4
	<i>Melanerpes candidus</i>	Pica-pau-preto-e-branco				C2	IN		1,2,3	Ce	comum	VZ	1,2,3,4

Quadro 4.2.
Listagem de aves registradas para a área compreendida entre a UHE Serra da Mesa e a UHE Lajeado,
em áreas marginais e de contribuição para o rio Tocantins

Taxa*	Espécie	Nome vulgar	Status	Distr.	Import.	Hábito	Dieta	Bio.	Sítios	Ambientes	Abund.	Registro	Bibl.
	<i>Veniliornis passerinus</i>	Pica-pau-verde				F2	IN		2	Ve	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Campephilus melanoleucus</i>	Pica-pau-de-topete-vermelho				F2	IN		2	Ce	ocas.	VZ	1,2,3,4
Ordem Passeriformes													
Família Rhinocryptidae													
	<i>Melanopareia torquata</i>	Meia-lua-do-cerrado		Cer.		C1	IN	*	2	Ce	raro	Z	1,4
Família Thamnophilidae													
	<i>Taraba major</i>	Choró-boi				F2	IN		1,2,3	Mc,Ms	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Thamnophilus punctatus</i>	Choca-bate-cabo				F2	IN		3	Ms	comum	VZ	1,2,4
	<i>Thamnophilus torquatus</i>	Choca-de-asa-vermelha				C2	IN		2	Ce	raro	VZ	1,2,3,4
	<i>Herpsilochmus atricapillus</i>	Chorozinho-de-chapéu-preto				F2	IN		3	Ms	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Formicivora rufa</i>	Papa-formigas-vermelho				C2	IN		3	Ce	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Formicivora grisea</i>	Formigueiro				F2	IN		2,3	Mc,Ms	comum	VZ	1,2,3,4
Família Furnariidae													
	<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro				C2	IN		1,2,3	Ce,Ca,Ve,An,Ri	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Synallaxis frontalis</i>	Petrim				F2	IN		**	Mc			1,2,4
	<i>Xenops rutilans</i>	Bico-virado-carijó				F2	IN		**	Mc			1,3,4
Família Dendrocolaptidae													
	<i>Sittasomus griseicapillus</i>	Arapaçu-verde				F2	IN		**	Mc			1,2,3,4
	<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	Arapaçu				F1	IN		**	Mc			1,2,3,4

Quadro 4.2.
Listagem de aves registradas para a área compreendida entre a UHE Serra da Mesa e a UHE Lajeado,
em áreas marginais e de contribuição para o rio Tocantins

Taxa*	Espécie	Nome vulgar	Status	Distr.	Import.	Hábito	Dieta	Bio.	Sítios	Ambientes	Abund.	Registro	Bibl.
	<i>Xiphorhynchus picus</i>	Arapaçu-do-bico-branco				F2	IN		**	Mc			2,3,4
	<i>Xiphorhynchus guttatus</i>	Arapaçu-da-garganta-amarela				F2	IN		3	Mc	ocas.	VZG	1,2,4
	<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	Arapaçu-do-cerrado				C2	IN		2,3	Mc,Ms,Ce	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Campylorhamphus trochilirostris</i>	Arapaçu-de-bico-torto				F2	IN		3	Ce	ocas.	VZ	1,2
Família Tyrannidae													
	<i>Camptostoma obsoletum</i>	Risadinha				C2	FI		2	Ce	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Suiriri suiriri affinis</i>	Suiriri-cinzento				C2	IN		2	Ce	ocas.	VZ	1,4
	<i>Myiopagis gaimardii</i>	Maria-pechim				F1	IN		**	Mc			4
	<i>Elaenia flavogaster</i>	Guaracava				F2	FI		2,3	Mc,Ms	ocas.	VZ	1,2,4
	<i>Elaenia cristata</i>	Guaracava-de-topete				C2	IN		**	Ce			1,4
	<i>Elaenia chiriquensis</i>	Chibum				C2	IN		2	Ce	comum	VZ	1,2,4
	<i>Euscarthmus meloryphus</i>	Maria-barulhenta				C1	IN	X	2	Ce	ocas.	VZ	1
	<i>Hemitriccus striaticollis</i>	Sebinho-estriato		Amaz.		F1	IN		2,3	Mc,Ms,Ri	comum	VZ	1,2,4
	<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i>	Sebinho-do-olho-de-ouro				F2	IN		**	Mc			1,3,4
	<i>Todirostrum cinereum</i>	Relógio				F2	IN		2	Mc,Ms	ocas.	VZ	1,2,4
	<i>Todirostrum latirostre</i>	Ferreirinho				F2	IN		1,3	Mc,Ms,Ri	ocas.	V	1,2,4
	<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	Bico-chato				F2	IN		3	Mc	ocas.	V	1,3,4
	<i>Tolmomyias flaviventris</i>	Bico-chato-amarelo				F2	IN		**	Ce			1,2,4
	<i>Xolmis cinerea</i>	Maria-branca				C2	IN		2,3	Ca,Ve,An	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Xolmis velata</i>	Noivinha-branca				C1	IN		**	Ca,An			4

Quadro 4.2.
Listagem de aves registradas para a área compreendida entre a UHE Serra da Mesa e a UHE Lajeado,
em áreas marginais e de contribuição para o rio Tocantins

Taxa*	Espécie	Nome vulgar	Status	Distr.	Import.	Hábito	Dieta	Bio.	Sítios	Ambientes	Abund.	Registro	Bibl.
	<i>Casiornis fusca</i>	Caneleiro-enxofre		End.		F2	IN	X	**	Ce			4
	<i>Sirystes sibilator</i>	Maria-assobiadeira				F2	IN		3	Mc	ocas.	Z	1,3,4
	<i>Myiarchus ferox</i>	Maria-cavaleira				F2	IN		1,2,3	Mc,Ms,Ve	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Myiarchus tyrannulus</i>	Maria-cavaleira-de-rabo-ferrugem				C2	IN		2,3	Ms	comum	VZ	1,2,4
	<i>Myiarchus swainsoni</i>	Irrê				C2	IN		**	Mc			1,2,4
	<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi			Sin.	F2	ON		1,2,3	Mc,Ms,Ve,An,Ri	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Megarhynchus pitangua</i>	Bem-te-vi-do-bico-chato			Sin.	F2	ON		2,3	Mc,Ms,Ve	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Myiozetetes cayanensis</i>	Bem-te-vizinho-do-brejo				F2	FI		**	Mc,Ri			1,2,3,4
	<i>Myiodynastes maculatus</i>	Bem-te-vi-rajado				F2	ON		**	Mc			1,2,4
	<i>Empidonomus varius</i>	Peitica				F2	FI		**	Ce			1,2,4
	<i>Tyrannus savana</i>	Tesourinha				C2	IN		1,2,3	Ce,An,Ri	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri			Sin.	C2	ON		1,2,3	Mc,Ve,An,Ri	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Pachyramphus viridis</i>	Caneleiro-verde				F2	FI		**	Mc			1,4
	<i>Pachyramphus polychopterus</i>	Caneleiro-preto				F2	FI		**	Ce			1,4
	<i>Tityra cayana</i>	Anambé-branco				F2	FI		3	Ms	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Tityra semifasciata</i>	Anambé-branco		Amaz.		F1	FI		**	Mc			2,4
Família Pipridae													
	<i>Antilophia galeata</i>	Soldadinho		Cer.		F2	FI	*	**	Mc			1,4
	<i>Neopelma pallescens</i>	Frxu				F1	FI		**	Mc			3,4
Família Cotingidae													
Família Hirundinidae													
	<i>Tachycineta albiventer</i>	Andorinha-do-rio				A	IN	X	2,3	An,Ri	ocas.	VZ	1,2,3,4

Quadro 4.2.
Listagem de aves registradas para a área compreendida entre a UHE Serra da Mesa e a UHE Lajeado,
em áreas marginais e de contribuição para o rio Tocantins

Taxa*	Espécie	Nome vulgar	Status	Distr.	Import.	Hábito	Dieta	Bio.	Sítios	Ambientes	Abund.	Registro	Bibl.
	<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo				C2	FI		2	Ca,An	ocas.	VZ	1,2,3,4
Família Vireonidae													
	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	Pitiguari				F2	FI		1,2,3	Mc,Ms,Ve	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Vireo chivi</i>	Juruviara				F2	FI		1,2,3	Mc,Ms	comum	VZ	1,2,4
Família Emberizidae													
Subfamília Parulinae													
	<i>Basileuterus flaveolus</i>	Pula-pula-amarelo				F2	IN		1,3	Mc,Ms	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Basileuterus culicivorus</i>	Pichito				F2	IN		3	Mc	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Basileuterus leucophrys</i>	Pula-pula-de-sombrancelha		End., Cer.		F1	IN	* **		Mc,Ve			4
Subfamília Coerebinae													
	<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica				F2	NI		1,2	Mc,Ri	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Dacnis cayana</i>	Saí-azul				F2	NI		**	Mc			1,2,3,4
	<i>Conirostrum speciosum</i>	Figuinha-de-rabo-castanho				F2	NI	X	**	Mc			1,4
Subfamília Thraupinae													
	<i>Thlypopsis sordida</i>	Saíra-canário				F2	FI		1	Mc	ocas.	V	1,2
	<i>Hemithraupis guira</i>	Saíra-do-papo-preto				F2	FI		2	Mc,Ms,Ce	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Nemosia pileata</i>	Saíra-de-chapéu-preto				F2	FI		3	Ce	ocas.	V	1,2,3,4
	<i>Tachyphonus rufus</i>	Pipira-preta				F2	FI		1	Mc	ocas.	V	1,2,3,4
	<i>Ramphocelus carbo</i>	Pipira-de-veludo				F2	FI		2,3	Mc,Ms	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaço			Com.	F2	FI		1,2,3	Mc,Ms,Ve	abundante	VZ	1,2,3,4

Quadro 4.2.
Listagem de aves registradas para a área compreendida entre a UHE Serra da Mesa e a UHE Lajeado, em áreas marginais e de contribuição para o rio Tocantins

Taxa*	Espécie	Nome vulgar	Status	Distr.	Import.	Hábito	Dieta	Bio.	Sítios	Ambientes	Abund.	Registro	Bibl.
	<i>Thraupis palmarum</i>	Sanhaço-do-coqueiro			Com.	F2	FI		2,3	Ve	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Euphonia chlorotica</i>	Vivi				F2	FI		1,2,3	Mc,Ms,Ve	comum	VZ	1,2,3,4
Subfamília Emberizinae													
	<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico				C2	GI		2	Ce	ocas.	Z	1,2,3,4
	<i>Ammodramus humeralis</i>	Tico-tico-rato				C1	GI		**	Ca,An			1,2,3,4
	<i>Ammodramus aurifrons</i>	Tico-tico-cigarra				C1	GI	*	1	Ri	ocas.	VZ	1
	<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu			Sin.	C2	GI		2	An	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Sporophila plumbea</i>	Patativa verdadeira				C2	GI		2	An	ocas.	VZ	1,4
	<i>Coryphospingus pileatus</i>	Tico-tico-rei-cinza				F2	GI		**	Ce			1,2,3,4
Subfamília Cardinalinae													
	<i>Saltator maximus</i>	Tempera-viola			Com.	F2	FI		3	Mc	ocas.	VZ	1,2,3,4
	<i>Saltator atricollis</i>	Batuqueiro		Cer.		C1	FI	*	1,2,3	Ce	comum	VZ	1,2,3,4
Subfamília Icterinae													
	<i>Psarocolius decumanus</i>	Japú				F2	FI		2	Mc	ocas.	Z	1,2,3,4
	<i>Cacicus cela</i>	Xexéu		Amaz.	Com.	F2	FI		1,2,3	Mc,Ms,Ve,An,Ri	abundante	VZ	1,2,3,4
	<i>Icterus cayanensis</i>	Encontro			Com.	F2	FI		1,2,3	Mc,Ms	comum	VZ	1,2,4
	<i>Icterus jamacaii</i>	Sofrê			Com.	F2	FI	X	1,2,3	Mc	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Gnorimopsar chopi</i>	Pássaro-preto			Com.	C2	FI		1,2,3	Ve,Ri	abundante	VZ	1,2,3,4
	<i>Scaphidura orizivora</i>	Graúna				C2	FI		2	An	ocas.	V	1,2
	<i>Molothrus bonariensis</i>	Iraúna			Sin.	C2	FI		2,3	Mc,An	comum	VZ	1,2,3,4
	<i>Passer domesticus</i>	Pardal		I		T	GI		1,2	An	comum	VZ	3,4

Notas:

Status (de Conservação) => Espécies incluídas na lista de espécies ameaçadas, segundo Collar *et al.* (1994), nas categorias: Vuln. – vulnerável; Próx. – quase ou próxima de ser considerada ameaçada (near endangered). **MMA** - Espécies incluídas na Lista de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (Instrução Normativa N° 3, de 27 de maio de 2003, Ministério do Meio Ambiente).

Distribuição (Distr.) => End- espécies endêmicas do Brasil, **Cer.** – espécie endêmica do Cerrado; **Amaz.-** espécies com centro de distribuição amazônico; **Atlânt.-** espécies com centro de distribuição atlântica (Silva, 1996); **VN-** visitante da América do Norte; **Migr.** – espécies migratórias; **I** – espécie introduzida (exótica à fauna brasileira).

Importância econômica (Import) => Cin. – espécies com valor cinegético; **Com.** – espécies com valor comercial, alvos do tráfico de animais e criação doméstica e **Sin.** - espécies sinântropas.

Hábitos => A - Espécies estritamente aquáticas; **C1** - Espécies estritamente campestres; **C2** - Espécies essencialmente campestres que utilizam também florestas; **F2** - Espécies essencialmente florestais que utilizam também ambientes abertos; **F1** - Espécies estritamente florestais.

Dieta => As guildas alimentares: **CA** – carnívoros; **FI** – frugívoros e insetívoros; **IN** – insetívoros, **NI** – nectarívoros e insetívoros **GI** – granívoros e insetívoros; e, **ON** – onívoros, **PI** - piscívoro e insetívoro.

Bio. => Bioindicadores de qualidade ambiental, entre elas: 1) ameaçadas de extinção; 2) espécies endêmicas (do Brasil e do Cerrado); 3) espécies exclusivas de ambientes específicos; 4) espécies de valor cinegético e visadas pelo tráfico de animais silvestres, cujas populações sofram riscos de extinção local; e por fim, 5) espécies sensíveis a impactos ambientais de relativa importância ecológica: nectarívoras e frugívoras (polinizadores, dispersores), piscívoras e carnívoras (animais de topo de cadeia alimentar).

Sítios => sítio 1: município de Minaçu – GO; **sítio 2:** município de Palmeirópolis - TO; **sítio 3:** município de São Salvador – TO; **(**)** Espécies não registradas durante os trabalhos de campo, contudo confirmada no inventário preliminar da área de estudo em função de dados bibliográficos, considerados de provável ocorrência.

Ambientes (Ambient) => (Mc) - Mata Ciliar, **(Ms)** – Mata seca, **(Ce)** – cerrado *sensu strictu*, **(Ca)** – formações campestres (campos sujos, limpos e de murundus; **(Ve)** – Veredas e brejos; **(Ri)** – ambiente ripário (próximo aos rios e corredeiras); **(An)** – Ambiente antrópico (urbano, pasto ou plantações).

Abundância (Abund.) => refere-se a uma avaliação subjetiva baseada no número de indivíduos por espécie encontrado durante o trabalho de campo e, apenas sugere mas, não confirma a raridade ou abundância absoluta (real) da espécie para a região: raro – espécies que apresentam baixas densidade na natureza ou baixa densidade local, **ocas.** – ocasionalmente encontrada; **comum** – frequentemente encontrada; **abund.** - abundante.

Registro: (F) – registro fotográfico, **(G)** – gravação audiovisual, **(V)** – visualização (observação direta), **(Z)**– Registro por zootaxonomia (identificação dos cantos e chamados); **(R)** – gravação de áudio (registro sonoro).

Bibl. (Bibliografia) => Dados secundários referentes a: **(1)** monitoramento de aves da UHE Serra da Mesa (Hass, 2002); **(2)** inventário e monitoramento de fauna da fase pré-enchimento de AHE Cana Brava (NATURAE, 2002); **(3)** Estudo de Impacto Ambiental da UHE Peixe; e **(4)** monitoramento da avifauna da UHE L.E.Magalhães (Bagno & Abreu, 2001).

4.2.4 Espécies de mamíferos registradas

Cerdocyon thous (cachorro do mato), *Cebus apella* (macaco prego) e *Hidrochaeris hidrochaeris* (capivara) foram os mamíferos mais abundantes encontrados durante os levantamentos de campo realizados na faixa de servidão da LT São Salvador (Quadro 4.3). *Speothus venaticus* (cachorro vinagre), espécie classificada como extremamente rara e em perigo de extinção, e uma *Manzama* sp., uma espécie desconhecida, são registros interessantes para a área de estudo durante os levantamentos de campo. O restante das espécies observadas diretamente, ou por meio de evidências, são espécies abundantes e comuns nas fitofisionomias de cerrado remanescentes na área de estudo.

A relação de espécies registradas nos estudos desenvolvidos neste trecho aparece no Quadro 4.3.

Quadro 4.3.
Listagem de espécies de mamíferos observados na faixa de servidão da LT São Salvador

Taxon	Importância	Dieta	Importância
Ordem Carnivora			
Família Canidae			
<i>Lycalopex vetullus</i>		On, In	Comum
<i>Cerdocyon thous</i>		On	Abundante
<i>Chrysochyon brachyurus</i>		On	Comum
<i>Speothos venaticus</i>	AEx	Ca	Raro
Família Mustelidae			
<i>Eira barbara</i>		Ca	Comum
Família Procyonidae			
<i>Procyon cancrivorus</i>		Ca, Fr	Comum
<i>Nasua nasua</i>			Comum
Ordem Artiodactyla			
Família Tayassuidae			
<i>Pecari tajassu</i>	Cin	On	Comum
Família Cervidae			
<i>Mazama americana</i>	Cin	He, Fr	Comum
<i>Mazama gouazoubira</i>	Cin	He, Fr	Abundante
<i>Mazama</i> sp.	Cin	Des	Desconhecido
<i>Ozotocerus bezoarticus</i>	Cin, Bio	Her	Comum
Ordem Perissodactyla			
Família Tapiridae			
<i>Tapirus terrestris</i>	Cin, Bio	He, Fr	Comum
Ordem Xenathra			

Quadro 4.3.
Listagem de espécies de mamíferos observados na faixa de servidão da LT São Salvador

Taxon	Importância	Dieta	Importância
Família Dasypodidae			
<i>Cabassous</i> sp.	Cin	In	Comum
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Cin	On	Comum
<i>Dasybus novemcinctus</i>	Cin	In	Comum
Família Myrmecophagidae			
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	AEx, Cin	In	Comum
Ordem Primata			
Família Cebidae			
<i>Cebus apella</i>	IMe	Fr	Abundante
<i>Allouatta caraya</i>	IMe	Fr	Comum
Ordem Rodentia			
Família Hydrochareidae			
<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Cin	He	Abundante
Família Erethizontidae			
<i>Coendou prehensilis</i>		He, Fr	Comum
Família Cavidae			
<i>Kerodon</i> sp.		Fr, In	Comum
Família Agoutidae			
<i>Agouti paca</i>	Cin	Fr	Comum
Família Dasyproctidae			
<i>Dasyprocta</i> sp	Cin		Comum

Notas: AEx= Ameaçado de extinção, Cin=Cinegético, Bio=Indicador biológico, IMe= Interesse Medico, On= Onívoro, In= Insetívoro, Ca=Carnívoro, Fr= Frugívoros, He=Herbívoro, Des= Desconhecido.

4.2.5 Espécies de peixes da área de estudo

A fauna íctica dos ambientes aquáticos em torno dos quais se desenvolvem veredas mostrou-se pouco diversificada quando comparada à presente em ambientes alagados de outras regiões neotropicais. Via de regra, foi verificada maior riqueza de espécies naqueles sistemas dotados de características lólicas, representados por pequenos cursos d’água com fluxo unidirecional contínuo. Nesses locais foram coligidos essencialmente peixes de pequeno porte, nenhum dos quais endêmico desse tipo de formação ou potencialmente ameaçado de extinção (i.e., Rivulidae anuais).

Considerando guildas tróficas, foi constatado um grande número de espécies cuja alimentação é baseada em itens alóctones, muitos dos quais provenientes das veredas, seja sob a forma de frutos, seja como pequenos insetos. Nessa categoria foram coligidas espécies de *Leporinus*, *Myleus*, *Metynnis*. Grupos omnívoros

encontram-se representados por *Astyanax* spp., *Hyphessobrycon* spp., *Moenkausia* spp e *Micropoecilia* sp. Destaca-se ainda a ocorrência de espécies lepidófagas (*Asiphonichthys* sp.). Muitos dos gêneros amostrados não possuíam registro assinalado na bacia do Tocantins.

Tendo em vista a presença de espécies de aves cuja parcela significativa de sua dieta é de peixes pode-se evidenciar, nas formações de veredas, toda uma rede de interações bióticas, a começar pela exportação, via meio fluvial, de parte da produção dos sistemas florestais.

Nas depressões alagáveis margeadas por buritis, as condições de freqüente anaerobiose atuam como fatores fortemente limitantes ao estabelecimento de uma fauna ictica diversificada. Assim, predominam grupos dotados de órgãos respiratórios acessórios. Nessa categoria, incluem-se os tamboatás (*Callichthys callichthys*) e mussuns (*Synbranchus marmoratus*), cuja ocorrência foi evidenciada em todas as formações analisadas. Pequenos characiformes, como *Astyanax* aff. *bimaculatus*, *Characidium*¹ sp., *Pirulina* sp. e *Hyphesobrycon*, bem como ciclídeos de pequeno porte, são igualmente comuns, via de regra atuando como espécies forrageiras para a traíra (*Hoplias malabaricus*).

¹ Espécie pertencente ao subgrupo Jobertina